

# Tendências / Debates

Os artigos publicados com assinatura dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

## Poesia 83

TRISTÃO DE ATHAYDE

**S**e ousar abrir estes meus comentários de 1983 com a consagração nacional de C.D.A e com uma obra inédita de estranho título ("O século 21 como antídoto"), de um poeta ainda desconhecido, mas de raro valor trágico, lírico e satírico — Ricardo Máximo Gomes Ferraz, é por não considerar a poesia, com P maiúsculo como esta, nem uma fuga, nem um divertimento, e sim uma descida aos céus, ao purgatório e aos infernos, deste mundo louco em que vivemos. E uma ascensão àquele a que aspiramos. A poesia sobe porque desce. Tem asas porque é escafandrista. Traz a paz ao espírito por participar de suas lutas e angústias. Vive das palavras porque as supera. É sempre atual porque sobrevoa todas as atualidades. Sempre moderna, enquanto eterna. E participa da condição de toda arte, pois o valor da beleza é a liberdade, que aliás não está intrinsecamente ligada ao seu valor de verdade, cuja liberdade é precisamente a servidão ao real. Já que o sonho pode, ou não, contradizer os nossos sentidos e a nossa razão.

Mas, afinal, tantas palavras para quê? Para que não se confunda poesia com falta de assunto ou fuga aos temas vulgares ou patéticos do nosso dia-a-dia. E tanto o ano passado como o início deste novo estão desafiando (à brasileira e não à portuguesa) nossa capacidade de conter o desmedido dos acontecimentos na tela estreita do nosso poder verbal. E, no entanto, razões de sobra tinha Malarmé no conselho a Degas de que "a poesia se faz com palavras e não com idéias". E as palavras deste nosso novo grande poeta ainda irrelatado contêm um mundo de idéias e acontecimentos. Pois há, na Poesia, como mistério verbal por excelência, a essência das verdades e dos sonhos, de tal modo verbalizados, que podemos perfeitamente proclamar a distância que vai entre as convicções filosóficas ou religiosas de um poeta ou de seus leitores e o universo verbal dos seus poemas.

Tudo isso para dizer que considero a estréia futura deste grande poeta um acontecimento literário, mesmo sem participar de grande parte de suas convicções filosóficas e ateológicas. Assim como a pintura religiosa de um Portinari, em sua grandeza, pouco ou nada tem a ver com as convicções políticas do seu autor, a força estética deste novo representante típico de nossa poesia planetária contemporânea e pós-modernista não está de modo algum subordinada à sua visão ateológica do universo. A grande poesia está sempre ligada analogicamente mas não logicamente — aos fatos sobrenaturais ou sociais.

Mas o que desejo preliminarmente acentuar é que este novo bandeirante de nosso continente poético, nesta passagem da fase modernista para a pós-modernista, se enquadra perfeitamente no que usei antecipar há 55 anos passados. Realmente, foi por uma crônica intitulada "Os novos de 1927" (cf. "Estudos", 2.ª série, págs. 22/23 - Ed. Terra do Sol, 1927), na segunda fase da década modernista, que usei lançar este pequeno vaticínio: "Mas como temos sempre oscilado aqui entre o particularismo e o universalismo, não me espantaria nada que um novo grupo surgisse brevemente (levou mais de meio século a fazê-lo — Nota de 1983) para reagir contra o sentimento de nacionalização excessiva da nossa poesia pau-brasil, de espírito e linguagem locais, no sentido de passar do regional ao cosmopolita, do nacional ao supernacional, do continental ao universal" (sic). É o que hoje vejo na chamada poesia planetária.

Há muito, realmente, venho assim denominando a atual era pós-modernista de nossas letras, exatamente por sentir na visão universalista, e não apenas localista, o fulcro dos novos horizontes estéticos de nossa Inteligência, que são hoje tanto mais nacionais quanto mais se aproximam da partici-



pação do nosso país, político, econômico, religioso ou estético, no bom ou no mau sentido, nos grandes e patéticos horizontes planetários deste final de século e de civilização burguesa por ele herdada do século 19. Não será justamente nesse sentido de protesto e revolta que esta nova voz poética apela para "o século 21 como antídoto"? Duvido muito que venha a ser um antídoto real, mas o espírito pessimista que hoje sucede à era ufanista do pós-guerra de 1918, mas sacudido e inspirado na revolução musical dos Beatles pela esperança no Amor, é que representa aparentemente a alma filosófica da vida deste novo e autêntico poeta com P grande.

Se o próprio título destes poemas se volta para o futuro, suas raízes planetárias são, ao mesmo tempo, européias (sete anos de residência em Paris, não o "Paris turístico" mas porque "Paris embriaga, embriaga, embriaga") e terceiro-mundistas, como o diz em seu auto-retrato, de tipo Viking de longas mecenias louras, de seu poema "Máscara branca sobre alma negra":  
 "Vendo-me eu não me creio  
 Em minha carcaça escandinava  
 em viagens de recreio,  
 nem em meus ângulos saxônicos!  
 Sinto-me África, o ser inteiro,  
 O homem louro no espelho de mim  
 só leva o meu nome  
 e o quinhão de uma raça que me deram  
 por engano.  
 quem importa é o africano."

Se a revolução poética, musical e onírica dos Beatles parece ter sido sua inspiração ultranacional, é no modernismo de um Oswald de Andrade que parece radicar sua inspiração nacional, que vibra de revolta ante a década negra de 64 a 78, de vários poemas de revolta, de que "Desesperada noite" pode ser um exemplo entre muitos:

"Desesperada noite do meu tempo!  
 Que fadiga de não poder deixar de ter fadiga...  
 Que povo desaparecido, que gentes disfarçadas!  
 Que triturado canto de ausência  
 Que triturada luta sol a sol."  
 O desencanto o leva às portas do desespero:  
 "Ah, seu eu ainda pudesse acreditar em mim...  
 Escreveria poemas  
 Gastaria alegrias  
 plantaria rosas!  
 Mas a verdade de carne e osso  
 é que meu coração está rouco  
 e já começa a falar sozinho."  
 (Do poema "A pedra com asas")

Ou então:  
 "O poeta está morto — a vida é uma jovem viúva inconsolada!  
 A morte, de vergonha  
 cobriu-se de flores para melhor disfarçar a culpa.  
 "O seu canto — filho da revolta —  
 migra pela terra em busca de povos!"  
 (Do poema "Morre o poeta")

É contra esse mundo afônico que lança

a sua poesia que apelida de "Brusca poesia":  
 "A brusca poesia é a que se quer o grito  
 para além de ser o canto  
 e submete o mel da sua alma ao desafio  
 de sentir raiva e também sentir encanto  
 mas quem recebe o orgulho como herança  
 não desiste de horizontes  
 e de ousar não se cansa!"  
 (Do poema "A brusca poesia")

Pois enquanto satiriza a Inglaterra e enfatiza a Irlanda, como mostra o trágico, confuso e inocente americano, e canta os insurgentes de Soweto sul-africano, procura o "tempo humano" que existe dentro do "tempo desumano" de um mundo robotizado:

"O tempo humano não é circular é perpendicular  
 não é o tempo do eterno repouso, o tempo grego.  
 E o do sempiterno singular, o tempo leigo  
 ... Não é das leis da natureza é de anárquica surpresa  
 Não é hereditário, é extraordinário.  
 Não é de tropas, é de trovas.  
 O tempo humano é o tempo que o homem consagra ao homem.  
 O resto é engano ou é tropeço."  
 (Do poema "O tempo retificado")

Só lamento que esse poeta, para quem o tempo "não é circular, é perpendicular", confundida a transcendência divina, criadora do tempo puro, com o "tempo leigo" de nossas traições históricas.

Mas sua conclusão não é o desespero. A Primavera não morreu, e por detrás dos gritos de desespero ressurgem o canto da alegria:  
 "Primavera, sou um homem jovem.  
 Mas, por isso, não me temas.  
 Não comerei das tuas espécies  
 Não tocarei em teus presentes  
 em silêncio esperarei do lado de fora  
 tangido paternalmente  
 musicado de finas chuvas  
 até que tu te comovas  
 e me chames  
 de meu noivo."  
 (do poema "Primavera")

Mas a primavera, para ele, não está longe de sua desesperada procura, através de tantas decepções, e já o chama de noivo pelos olhos de sua amada.

"Chama-me inominável  
 tempo rapineiro  
 diz de mim um ser sem ascendência  
 gentio  
 meu contemporâneo  
 destrói a tela herdada da  
 minha culpa  
 fiandeira  
 minha próxima  
 realmente minha sombra  
 luz de debaixo  
 das portas  
 disfarça meus gemidos  
 vento, pássaro das planícies  
 dá de viver a meu corpo  
 mulher natural  
 da terra das árvores  
 dá de crer  
 à minha alma desnatural  
 mulher que dança  
 sobre destroços!"  
 (Do poema "Lúlú")

Se abro as minhas janelas de 83 pelas mãos de um poeta, de voz tão alta e coração tão grande, é que creio no mistério da vida e na salvação pelo Amor e pela Fé, inclusive pelos pés alados daquelas que dançam sobre nossos destroços, na passagem do Tempo à Eternidade, como mensageiras da própria Esperança.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico dos mais influentes de sua geração; foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.